



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**



Marcella dos Santos Ferreira

MOIÔ, MINHA MINA TÁ GRÁVIDA: investigação sobre as potencialidades do uso de material audiovisual como disparador de discussões sobre paternidade com adolescentes-pais em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto.

São Sebastião do Paraíso

2019

Marcella dos Santos Ferreira

MOIÔ, MINHA MINA TÁ GRÁVIDA: investigação sobre as potencialidades do uso de material audiovisual como disparador de discussões sobre paternidade com adolescentes-pais em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto.

Trabalho de conclusão do curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal de São João del-Rei, apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação, sob a orientação da Prof^a. Juliana Mara Flores Bicalho.

São Sebastião do Paraíso

2019



Universidade Federal
de São João del-Rei

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
LEI Nº 10.425 DE 19 DE ABRIL DE 2002, D.O.U. DE 22 DE ABRIL DE 2002



NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI – UFSJ
INSTITUÍDA PELA LEI Nº 10.425, DE 19/04/2002 – D.O.U. DE 22/04/2002
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD – UFSJ
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TCC

CANDIDATO (A): Marcella dos Santos Ferreira

NÍVEL: (X) Especialização () Mestrado () Doutorado

DATA DA DEFESA: 23/03/2019

HORÁRIO DE INÍCIO: 11:00

LOCAL: São Sebastião do Paraíso

MEMBROS DA BANCA

NOME COMPLETO	CPF	FUNÇÃO	TÍTULO	INSTITUIÇÃO DE ORIGEM
Juliana Mara Flores Bicalho	050.123.226-57	Presidente	Mestrado	UEMG
Vanessa Jaqueline da Silva Vieira dos Santos	264.325.078-80	Membro 1	Doutorado	UNICAMP
		Membro 2		

TÍTULO: MOIÔ, MINHA MINA TÁ GRÁVIDA: INVESTIGAÇÃO SOBRE AS POTENCIALIDADES DO USO DE MATERIAL AUDIOVISUAL COMO DISPARADOR DE DISCUSSÕES SOBRE PATERNIDADE COM ADOLESCENTES-PAIS EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA EM MEIO ABERTO

Em sessão pública após exposição o (a) candidato (a) foi arguido oralmente pelos membros da banca, tendo obtido a seguinte nota 95.

☒ Aprovação por unanimidade.

() Aprovação somente após satisfazer as exigências que constam na folha de modificações, no prazo fixado pela banca (não superior a quinze dias).

() Reprovação.

Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é abaixo assinada pelos membros da banca, na ordem acima relacionada e pelo candidato.

Local e data: S. Sebastião Paraíso 23/03/19

Presidente: [Assinatura]

Membro1: [Assinatura]

Candidato: Marcella dos Santos Ferreira

Obs.: O aluno deverá encaminhar ao professor orientador do curso, no prazo máximo de 15 dias o exemplar definitivo da Monografia postando na plataforma.

Observações: _____

Aos queridos meninos

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível graças ao apoio de pessoas as quais eu tenho tanto a agradecer!

A Marina, minha querida companheira, que caminha ao meu lado diariamente, construindo um cotidiano de afeto e cuidado sem os quais nada seria possível.

A Camila, que me convidou a montar minha barraca em seu acampamento ao pé dos pequenos vulcões. E por tudo que isso significa.

Ao Renan, xuperxoque, que topou pensar a paternidade desses pais-meninos junto comigo, nos ajudando com sua experiência de homem-pai. E por tornar tudo muito mais engraçado!

Aos companheiros de trabalho Laura, Bia, Ed, Vagner, Gilberto, Alex e Ivan, que compartilham diariamente a dor e a delícia de trabalhar com os adolescentes.

Ao Bruno, que mesmo de longe esteve presente contribuindo nas correções e me incentivando. Caminhamos menos sozinhos porque temos um ao outro.

A minha mãe e meu irmão, pelo percurso de toda uma vida juntos.

Ao meu pai, por se fazer presente de tantas formas.

A dona Lina, meu sogro Cláudio e minha sogra Livia, por me acolherem ao longo do tempo de escrita deste trabalho.

A tutora Elisangela Ribeiro, que me acompanhou com muita dedicação e competência ao longo desses dois anos de curso.

A tutora Adriene Santanna por me ajudar de forma muito comprometida a redigir este trabalho.

Ao Leandro Saraiva pela disponibilidade em contribuir com minhas reflexões.

Ao Kevin, Erick, Lucas, Marcos, Luiz, Felipe, Anderson, Gustavo, Gabriel, Eric, Mayson, Gustavo, Eduardo e Felipe por nos permitirem acompanhar esse processo de se tornarem pais, sendo meninos.

RESUMO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa cujo objetivo é investigar as potencialidades do uso de um material audiovisual como disparador de discussões sobre paternidade com adolescentes-pais, que se encontram em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto. O foco das investigações será o episódio Pais e Filhos da série Cidade dos Homens, exibida pela rede Globo de televisão no ano de 2004. As metodologias utilizadas neste trabalho foram a pesquisa bibliográfica e uma entrevista estruturada realizada com Leandro Saraiva, um dos roteiristas do episódio em questão.

Os resultados desta pesquisa futuramente irão embasar a proposta de um grupo de discussão sobre paternidade com os adolescentes atendidos pelo Serviço de Medida Socioeducativa em Meio Aberto Sefras Dejupe – Defesa e Justiça Penal.

Palavras-chave: Paternidade. Adolescência. Cidade dos Homens. Grupos de adolescentes.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CREAS	Centro de Referência de Assistência Social do Brasil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescentes
LA	Liberdade Assistida
PSC	Prestação de Serviços a Comunidade
SMSE/MA	Serviço de Medida Socioeducativa em Meio Aberto
CODEPLAN	Companhia de Planejamento do Distrito Federal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PATERNIDADE ADOLESCENTE	11
3 TRABALHO COM GRUPOS DE ADOLESCENTES	12
4 MATERIAL AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA.....	13
5 CIDADE DOS HOMENS	15
6 PAIS E FILHOS	19
8 APÊNDICE - PROPOSTA DE GRUPO.....	27
9 REFERÊNCIAS	31

Miguilim tinha sido arrancado de uma porção de coisas, e estava no mesmo lugar. Quando chegava o poder de chorar, era até bom – enquanto estava chorando, parecia que a alma toda se sacudia, misturando ao vivo todas as lembranças, as mais novas e as mais antigas. Mas, no mais das horas, ele estava cansado. Cansado e como que assustado. Sufocado. Ele não era ele mesmo. Diante dele, as pessoas, as coisas, perdiam o peso de ser. Os lugares, o Mutúm – se esvaziavam, numa ligeireza, vagarosos. E Miguilim mesmo se achava diferente de todos. Ao vago, dava a mesma idéia de uma vez, em que, muito pequeno, tinha dormido de dia, fora de seu costume – e quando acordou, sentiu o existir do mundo em hora estranha, e perguntou assustado: - ‘Uai, Mãe, hoje já é amanhã?!’”

João Guimarães Rosa

1 INTRODUÇÃO

“Moiô¹ tia, minha mina tá grávida.”

Essa é uma frase comum de se escutar ao trabalhar com adolescentes atendidos nos Serviços de Medida Socioeducativa. Ao tentar conversar melhor sobre essa situação, é possível perceber uma dificuldade dos meninos em falar sobre o assunto. As falas acontecem de forma muito vaga, e a principal preocupação apresentada por eles é em relação à necessidade de “arranjar um trampo²”, como se a tarefa de sustentar financeiramente a criança fosse a única necessidade que surgisse a partir da notícia da paternidade. É possível perceber também que poucos conversam uns com os outros sobre essa experiência em comum, o que dificulta a construção coletiva dessa nova identidade: pai.

As medidas socioeducativas são um conjunto de medidas previstas pela Lei nº 8069/1990/Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que visam atender aos adolescentes autores de ato considerado infracional. As medidas aplicáveis aos adolescentes são divididas entre medidas em meio fechado: internação e semiliberdade; e medidas em meio aberto: advertência, reparação do dano, prestação de serviços à comunidade (PSC), liberdade assistida (LA).

A oferta das medidas em meio aberto de PSC e LA integra também o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e sua execução é municipalizada. [...] No município de São Paulo, esse acompanhamento é realizado por organizações não governamentais, via termo de convênio com a administração municipal, e os serviços são supervisionados pelos CREAS do território. (PODE PÁ, 2016, p. 14).

O Serviço de Medida Socioeducativa em Meio Aberto (SMSE/MA) Sefras Dejupe – Defesa e Justiça Penal, atua desde 2015 no atendimento a adolescentes residentes no distrito do Jaçanã, localizado na periferia da zona norte da cidade de São Paulo. O serviço atende meninos e meninas de 12 a 21 anos de idade, filhos da classe trabalhadora, em sua maioria negros.

Segundo as premissas do ECA, as medidas socioeducativas devem ter um caráter eminentemente educativo e não punitivo. É a partir dessas premissas que nos propomos a pensar espaços onde as demandas dos adolescentes possam ser

¹ Gíria utilizada pelos adolescentes com o sentido de: deu errado, deu ruim.

² Gíria utilizada pelos adolescentes com o sentido de: arrumar um trabalho.

debatidas para além do senso comum, onde, de forma coletiva, possamos auxiliá-los no processo de apropriação de elementos da realidade que impulsionam um olhar mais crítico sobre o mundo e sobre suas próprias experiências.

A partir da identificação do grande número de meninos-pais em nosso serviço, começamos a pensar estratégias para criar espaços onde a questão da paternidade adolescente tivesse centralidade. Para isso, consideramos utilizar recursos de mídias, a fim de ampliar as possibilidades de reflexão e os impulsionar ao diálogo.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é investigar as possibilidades do uso de uma mídia de áudio visual - o episódio “Pais e Filhos” da série de TV brasileira Cidade dos Homens - como disparadora de discussões sobre paternidade com os meninos que são pais. A partir dessa investigação, apresentaremos o planejamento de um grupo com os adolescentes.

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa bibliográfica, além de uma entrevista estruturada realizada com um dos roteiristas do episódio em questão, Leandro Saraiva.

O trabalho se divide em seis partes: *Paternidade adolescente*, onde discutiremos sobre a construção da identidade de pai entre os adolescentes. *Trabalho com grupos de adolescentes*, no qual discutiremos as potencialidades dos trabalhos com grupos de adolescentes. *Material audiovisual como ferramenta pedagógica*, que tratará dos possíveis usos de materiais audiovisuais de ficção para trabalhar com adolescentes. *Cidade dos Homens*, apresentará algumas discussões sobre a produção da série e seus conteúdos. O episódio *Pais e Filhos*, onde apresentaremos a história do episódio e apontaremos como essa história pode contribuir para as discussões sobre paternidade com os adolescentes. Por fim apresentaremos a proposta de grupo de pais, como apêndice deste trabalho de pesquisa.

2 PATERNIDADE ADOLESCENTE

A paternidade na adolescência é uma realidade que se apresenta como central na vida de diversos meninos, porém se percebe um silêncio social sobre o assunto. Pouco discutida, acaba sendo vista na maioria das vezes sobre perspectivas preventivas ou punitivas (FONSECA, 1997), e pouco espaço é criado para a construção de uma reflexão feita pelos próprios adolescentes a respeito de sua experiência com a paternidade.

Há dois fatores estruturantes desse silêncio: a vida adulta como referência para a experiência da paternidade e a construção da masculinidade em nossa sociedade. O primeiro fator se dá por uma construção da identidade adolescente que é referenciada na experiência adulta (FONSECA, 1997), fazendo com que a paternidade na adolescência seja entendida como um desvio, um erro, uma experiência que acontece fora de seu momento ideal. Já o segundo fator, está relacionado com a dificuldade dos meninos em falarem sobre si e sobre suas experiências, por conta de uma construção social da masculinidade que os coíbe de expressar seus sentimentos e fragilidades (THE MASK, 2015).

Criar espaços para que possamos discutir paternidade com os adolescentes que são pais é parte importante de um processo de responsabilização dos meninos, isso porque a experiência de ser pai os coloca em um lugar de assumir determinadas responsabilidades para as quais é preciso criar recursos tanto objetivos, quanto subjetivos.

A ideia de propor discussões coletivas surge a partir da noção de que o exercício da paternidade é marcado por determinações sociais que afetam individualmente os adolescentes, mas que tem suas raízes em uma estrutura social comum. Como aponta Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca, em seu estudo *Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção*:

A construção de um lugar social para a paternidade adolescente implica, pois, em abrir canais para que as vozes, os desejos, as necessidades e os anseios dos adolescentes encontrem possibilidades de se expressarem e serem ouvidos. Implica em considerar que adolescentes (como também crianças e idosos) são atores sociais e, como tal, podem e devem participar da construção de seu destino humano e da sociedade. (FONSECA, 1997, p.95).

3 TRABALHO COM GRUPOS DE ADOLESCENTES

As potencialidades do trabalho com grupos de adolescentes são inúmeras. Alguns estudos apresentam experiências muito interessantes, como por exemplo, o trabalho realizado pelas psicólogas Luciana Gageiro Coutinho e Ana Paula Rongel Rocha em uma escola do município de Duque de Caxias no Rio de Janeiro. Neste trabalho elas discorrem sobre o uso de grupos de reflexão como uma possibilidade de intervenção clínica psicanalítica para adolescentes. As autoras ressaltam a importância dos grupos para auxiliar os adolescentes a darem sentido ao que elas chamam de momento social da adolescência. Momento esse que, em outros tempos e em outras sociedades, era significado por meio dos ritos de passagem aos quais os adolescentes eram submetidos, e que nos dias atuais, fica restritos ao âmbito individual.

[...] a adolescência é, fundamentalmente, uma interação entre um sujeito e um momento social. Assim, o trabalho psíquico exigido do adolescente não depende apenas do sujeito, mas do que a sociedade pode ofertar a ele na forma de significantes e modos de gozo, ou seja, das condições de reconhecimento e acolhimento de que a sociedade dispõe. Dentro da perspectiva de espera propagada pelo discurso social, permeada pelo discurso moralista e naturalizante sobre os perigos da adolescência, a violência e os agires, o grupo possibilita ao adolescente um lugar de reconhecimento e intercâmbio destas questões junto aos pares. (COUTINHO; ROCHA, 2007, p.77).

Através do trabalho em grupo é possível fazer o caminho de acolher as demandas individuais de cada adolescente e dar um passo adiante, que consistiria em tentar relacionar as diversas demandas, assim como entender as estruturas sociais que fundamentam as questões individuais. Além disso, apostamos no grupo como uma importante ferramenta na construção de reconhecimento, solidariedade e cumplicidade entre os meninos.

Alguns desafios se apresentam no trabalho com grupos de adolescentes, entre eles, gostaríamos de destacar um especificamente: os meninos não expõem suas fragilidades. A construção da masculinidade em nossa sociedade projeta sobre os homens uma imagem de virilidade, força, coragem (THE MASK, 2015). Parte importante do processo de ser considerado um Homem – com H maiúsculo – é a capacidade de reproduzir estas características, e ser reconhecido por outros

homens através delas. Isso, no convívio com os meninos, fica muito claro, pois buscam provar a todo momento, um para o outro, o quanto são corajosos, viris e o quanto se colocam em situações de risco. Já a demonstração de sentimentos que estão fora desse escopo – como o medo, a fragilidade, o cuidado – é motivo de questionamento de seu lugar de Homem. A partir dessa engrenagem de representações da masculinidade, vão se constituindo sujeitos que não conseguem compartilhar entre si a totalidade das experiências humanas que vivem em comum.

Frente ao desafio que é fazer os meninos conseguirem entrar em contato e expor a complexidade de suas experiências com a paternidade, começamos a pensar em materiais pedagógicos que pudessem de alguma forma sensibilizá-los e ajudá-los nesse processo.

4 MATERIAL AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

A mídia escolhida como suporte pedagógico para auxiliar no processo de sensibilização dos adolescentes foi o audiovisual. Os critérios utilizados na escolha do material audiovisual a ser utilizado como ferramenta pedagógica, estão relacionados a duas características do público de nossa intervenção: a familiaridade que os adolescentes atendidos pelo SMSE/MA tem com a linguagem audiovisual; e as potencialidades que esse tipo de mídia nos oferece no que diz respeito à produção de significados.

Os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa têm, no geral, uma relação muito difícil com a leitura e a escrita. A evasão escolar é a principal causa dessa distância dos meninos em relação ao mundo letrado.

Sobre a escolaridade dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas em meio aberto, pesquisa realizada, no ano de 2013, pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), aponta que 46,5% dos adolescentes que cumprem a medida de PSC declararam não estar estudando e 9,1% declararam estar matriculados, mas sem frequentar a escola. Do universo pesquisado, 63,6% dos adolescentes em cumprimento de PSC não têm instrução ou não completaram o ensino fundamental. Já dos adolescentes que estão em cumprimento de medida de LA, 49,1% afirmaram não estudar e 7,6% declararam estar matriculados, mas não frequentam a escola. Do total de adolescentes em cumprimento de LA,

61,6% destes não têm instrução ou ensino fundamental completo. (BRASIL, 2015).

Sendo assim, qualquer material em que fosse preciso utilizar as habilidades de leitura e escrita, dificultaria a compreensão dos adolescentes e, conseqüentemente, as discussões a serem propostas.

Se, por um lado, eles têm dificuldade com a leitura, por outro lado, têm familiaridade com a palavra falada e com a leitura de imagens. Desta forma, um material audiovisual, sem legendas, facilitaria a compreensão dos adolescentes, potencializando as possíveis discussões. Entretanto, não bastaria utilizar uma linguagem com a qual os adolescentes têm familiaridade, se eles não se identificassem com os conteúdos apresentados. Pensando na importância dessa identificação, estabelecemos o segundo critério utilizado para a escolha do material.

As potencialidades dos usos de materiais audiovisuais no que se refere à produção de significados são muito grandes. Em sua pesquisa de mestrado, Aline Matheus Veloso utilizou o cinema como recurso metodológico que a possibilitou entrar em contato com a dimensão da afetividade de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. Segundo ela:

A diversidade pela qual se pode produzir significados e se aprender com os filmes se devem, entre muitos aspectos, pelo fato de que o encontro entre o espectador e a sétima arte não se restringe ao âmbito da racionalidade/cognição. Ao contrário, a experiência com o cinema é responsável pela mobilização dos afetos, deslocando a razão do centro e articulando o pensamento, sentimento e ação. (VELOSO, 2015, p. 54).

Se pensarmos na dificuldade dos meninos em falar sobre os próprios sentimentos, a possibilidade de mobilização dos afetos por meio do contato com um material audiovisual pode ser uma importante ferramenta para acessar os adolescentes. Isso porque ao experimentar os sentimentos e reflexões que surgem a partir do contato com a história das personagens, os adolescentes podem revisitar a própria experiência. Além disso, pode ser mais fácil, inicialmente, falar ao grupo sobre as experiências das personagens do que expor a própria experiência e, ao falar das personagens, também se fala de si.

no que diz respeito ao cinema, identificar-se com a situação que está sendo apresentada e reconhecer-se, de algum modo, nos

personagens que a vivenciam é o que constitui o vínculo entre o espectador e a trama... é preciso que haja nela elementos nos quais o espectador possa reconhecer e/ou projetar seus sentimentos, medos, desejos, expectativas, valores e assim por diante... projetamos parte de nossos conteúdos internos no filme e, de certo modo, vivenciamos junto com os personagens as circunstâncias dramáticas em que eles estão envolvidos. Desse modo, podemos compreender as atitudes e escolhas deles e, ao mesmo tempo, refletir sobre nossas próprias experiências. (DUARTE, 2009, p.59 apud VELOSO, 2015, p. 54).

A partir da escolha do suporte de mídia a ser utilizado, passamos ao processo de buscar especificamente o material a ser utilizado. Nessa busca nos deparamos com a falta de materiais audiovisuais que discutam a questão da paternidade na adolescência. Observamos que o foco da maioria dos materiais que trabalham com questões relacionadas está na maternidade adolescente ou a paternidade adulta.

A princípio, pensamos em utilizar materiais que retratassem a paternidade adulta, e a partir deles realizar o esforço de propor as reflexões ao grupo. Mas, se assim o fizéssemos, estaríamos reproduzindo a ideia de que a paternidade adolescente deve se referenciar nas experiências adultas, ideia da qual discordamos desde o princípio. Foi então que, em uma tarde de segunda-feira, nos deparamos com o episódio *Pais e Filhos* da série de TV Cidade dos Homens.

5 CIDADE DOS HOMENS

Só tivemos noção de como a série *Cidade dos Homens* se encaixava de forma muito especial às motivações que nos levaram a pensar no grupo de pais em nosso SMSE/MA, depois de sua escolha. Isso porque a pesquisa de materiais teóricos que tem a série como objeto de estudo, só foi feita depois da escolha do episódio *Pais e Filhos*. Isso não foi por acaso. Pensar em discutir paternidade adolescente periférica com os próprios adolescentes-pais, com certeza nos levaria a buscar um material que se encaixasse na ideia de protagonismo jovem, negro, periférico. A nossa “sorte” foi que no Brasil, na primeira década dos anos 2000, assim como nos aponta de forma muito interessante Suzana Feldens Schwertner, houve múltiplas condições para a criação dessa obra para a televisão. Condições essas que tiram o nosso encontro com o episódio do âmbito da sorte, e o colocam

no âmbito do encontro de produções materiais que tem sua criação diretamente associada à história do país.

Ao pensar no objeto empírico da pesquisa, a microssérie *Cidade dos Homens*, há que se atentar para os diferentes acontecimentos que envolvem o lançamento desse produto para a televisão. Foucault (2002) chamava atenção para o fato de não poder se “falar de qualquer coisa em qualquer época” (p.51), de ser necessário considerar o momento histórico, político e social em que é possível a construção e a manifestação de certos discursos, de determinadas formas de agir e pensar. E também formas de tornar visível: o que leva uma rede de televisão comercial a exibir um programa ficcional, em horário nobre, protagonizado por personagens negros e jovens, moradores de uma favela do Rio de Janeiro? Como foi possível apresentar esse programa no final do ano de 2002, na Rede Globo de Televisão - e ele ter seguimento nos anos posteriores?(SCHWERTNER, 2007, P. 53).

A série *Cidade dos Homens*, lançada em outubro do ano de 2002 na Rede Globo de televisão, conta a história de dois jovens negros grandes amigos - Acerola e Laranjinha - que compartilham os dramas e as alegrias da adolescência em uma favela do Rio de Janeiro-RJ. A série surge na onda do sucesso de filmes como *Cidade de Deus* - que retratam para o grande público o cotidiano das periferias do Brasil - e conta, inclusive, com o mesmo diretor do filme, Fernando Meirelles, além de alguns atores em comum. A série, porém, apresenta uma face diferente da vida de jovens das favelas do Rio de Janeiro, como afirma o próprio diretor em depoimento contido nos extras do DVD da série, conforme descreve Schwertner:

Cidade dos Homens é um desdobramento do filme *Cidade de Deus*. Mesmos criadores, mesma equipe, mesmos atores. Mas podemos dizer também que esse projeto é o avesso do outro: *Cidade de Deus* é um drama com um toque de comédia sobre traficantes no Rio, a comunidade aparece apenas como pano de fundo. *Cidade dos Homens* é uma comédia, com um toque de drama sobre uma comunidade do Rio de Janeiro, os traficantes aparecem só como pano de fundo. Um projeto complementa o outro (conforme declaração do diretor). (SCHWERTNER, 2007, p. 57).

Em sua análise sobre as condições de produção da série, Schwertner apresenta diversos fatores políticos, econômicos e sociais que convergiram para a criação de *Cidade dos Homens*. Segundo a autora, o momento eleitoral pelo qual o país passava no ano de lançamento da série, a força e visibilidade que os movimentos sociais vinham conquistando à época, a possibilidade que se abria na TV aberta de retratar essas realidades periféricas, além de fatores como o boom da

indústria cinematográfica brasileira com o que a autora chama de 'novo cinema novo', eram fatores que contribuíram para a produção da série e o seu sucesso. (SCHWERTNER, 2007). Destacaremos desta reflexão o movimento de mudança de gênero de representação da juventude negra e periférica na TV brasileira, apresentado pela autora, a partir do lançamento da série *Cidade dos Homens*.

Seriados televisivos que retratavam a juventude estavam em multiplicação desde os anos 90 na TV brasileira (SCHWERTNER, 2007). Como exemplos, *Schwertner cita as séries Confissões de Adolescente, exibida na TV Cultura, e Malhação, apresentada pela TV Globo. Esses seriados, porém, não representavam a juventude brasileira como um todo, isto é, representavam somente uma parcela dessa juventude, a parcela branca, moradora dos centros das grandes cidades, pertencentes às classes médias e altas. A juventude negra, pobre e periférica não era representada por esses seriados, o que*

não significa dizer que tais sujeitos nunca estiveram 'visíveis', nunca estiveram presentes na televisão brasileira anteriormente: jovens negros, pobres e favelados já estiveram presentes no horário nobre, mas a condição de sua aparição se dava por meio do telejornal, de notícias que evidenciavam a tríade inseparável pobreza/tráfico/violência. Quem não se lembra das reportagens sobre a chacina dos meninos da Candelária, ocorrida em 1992, no Rio de Janeiro? Ou outros incontáveis noticiários que tematizavam a violência urbana e a associavam diretamente aos negros - muitas vezes -, jovens moradores de favelas?(SCHWERTNER, 2007, p. 53).

As notícias sobre o tráfico e a violência na cidade do Rio de Janeiro retratam de forma despersonalizada, estereotipada e generalizada esses jovens. Schwertner aponta como a série *Cidade dos Homens* foi um dos produtos que possibilitou uma virada na lógica de representação dessa parcela da juventude brasileira. E a importância dessa virada se apresenta quando conseguimos entender o papel que um material dramático pode ter como ferramenta que auxilia na construção de reflexões humanas.

Leandro Saraiva, um dos roteiristas da terceira temporada de *Cidade dos Homens*, faz uma discussão muito interessante sobre teledramaturgia para a juventude em seu artigo publicado no livro *Reinventar a TV (2001)*. Saraiva aponta que um dos papéis da dramaturgia é justamente apresentar questões universais a partir de um prisma local. A virada exibida pela série está justamente nesse movimento. Não se trata de dramas específicos da vida na favela, se trata de

dramas humanos vividos por pessoas que vivem em favelas. Engravidar na adolescência, estudando em um colégio de elite, no centro de uma grande cidade brasileira - trama apresentada na série *Malhação* - e engravidar na adolescência, estando fora da escola, na favela de uma grande cidade brasileira - trama apresentada na série *Cidade dos Homens* - evocam diferentes questões. O fato é o mesmo, mas não se trata do fato, pois não se trata de um programa educativo/científico sobre gravidez, quais os riscos, quais os métodos contraceptivos etc. Trata-se de um programa de teledramaturgia. “A capacidade da dramaturgia é exatamente a de enfrentar as grandes questões, que são comuns à realidade de um mesmo país, mas que se enxerga a partir do lugar em que se está. Apenas o jeito de experimentar é diferente.” (SARAIVA, 2001, p.82)

Assim, a mudança de gênero de representação da juventude pobre, negra e periférica na TV brasileira, se apresenta como a construção de mais uma ferramenta de investigação das questões humanas inerentes à vida dessa juventude. Passamos da despersonalização, generalização e estereotipação desse público pelo gênero jornalístico, a uma representação comprometida com suas subjetividades. Em entrevista, Leandro Saraiva, que é um dos roteiristas da terceira temporada da série relata:

No caso de *Cidade dos Homens*, não escrevi uma linha sem pensar que a série seria vista por centenas de milhares de jovens que se identificariam com nossa dupla de heróis jovens, negros e pobres. Era preciso fazer todo o esforço para tratar de seus dilemas da forma mais densa possível. (SARAIVA, 2018)

Também em entrevista, Leandro nos esclarece um pouco o processo de pesquisa e aproximação com o público a ser retratado na série, o que contribui na semelhança entre os temas e questões vividos pelos personagens, com os vividos pelos adolescentes atendidos pelo SMSE/MA onde o grupo de pais será desenvolvido.

Fizemos pesquisa de campo, sim. Frequentamos, sobretudo a favela do Vidigal, no Rio, com uma que outra visita em outros lugares (Vila Vintém também). Conversamos bastante com adolescentes e com gente que lidava com eles nos dia a dia (escola, grupo de teatro, e também com gente do tráfico). Antes disso, tínhamos, eu e o Newton, organizado um curso online de roteiro, que tinha o apoio da O2 (produtora da série), que tinha como foco dos exercícios escrever roteiros para a série, que já estava na sua segunda temporada. Com

o desenvolvimento do projeto, acabamos contratados como roteiristas da terceira, sob a coordenação do Paulo Morelli, diretor geral, sócio da O2 e também roteirista. Ainda na fase do curso, incentivamos a pesquisa, e fornecemos aos alunos uma espécie de resumo geral do que eu considerava o melhor da antropologia urbana das classes populares, com foco na família e nas tensões do tráfico: o trabalho de Alba Zaluar (sobre tudo A máquina e a revolta, mas alguns outros artigos dela também) e de Cláudia Fonseca, duas antrópologas com excelente etnografia. Pessoalmente, eu tinha uma ligação antiga com este ambiente: militei na Pastoral da Juventude e no PT de Porto Alegre, depois fui estudar ciências sociais, e minha ênfase foi na antropologia urbana das classes populares (fui aluno da Cláudia Fonseca, que me influenciou muito). Para este tipo de trabalho, de pegada realista, acredito muito em pesquisa. (SARAIVA, 2018)

A seguir, apresentaremos de forma resumida, a história do episódio *Pais e Filhos*, a partir do qual poderemos identificar melhor esse processo de representação das subjetividades da juventude negra e periférica no que se refere um assunto específico tratado no episódio: a paternidade.

6 PAIS E FILHOS

Pais e Filhos é o último episódio da terceira temporada da série *Cidade dos Homens*, foi exibido em 22 de outubro de 2004. O tema central do episódio é a paternidade, apresentada em suas duas facetas: ser pai e ser filho. Cada um dos personagens principais expõe questões relacionadas a uma dessas facetas. Laranjinha apresenta questões referentes a ser filho, e Acerola apresenta questões referentes a ser pai.

O episódio começa com a personagem Cristiane, namorada de Acerola, sendo expulsa de casa pelo pai, por estar grávida. Laranjinha ao ver essa cena, chama seu amigo para acudir a namorada. Acerola chega e leva Cristiane à casa de sua avó, que os acolhe. A adolescente demonstra preocupação em relação ao futuro dos dois, e Acerola se coloca disposto a lidar com todas as dificuldades junto a ela, dando ênfase em seu esforço para lidar com as questões financeiras. Percebemos, no diálogo transcrito a seguir, a ideia bastante comum de que o papel dos homens, e especificamente dos pais, nas relações familiares se restringe a resolver a questão financeira. E que com essa questão resolvida, todas as outras questões estariam resolvidas.

- *Que que vai ser de mim Acerola?*
- *Calma, Cris!*
- *Eu não tenho nem mãe pra cuidar de mim, eu não tenho nem onde morar com essa barriga!*
- *Calma Cristiane!*
- *Minha vida acabou!*
- *Que que deu no seu pai, cara?*
- *Ah, deu estresse. Ele não aguenta mais me ver com essa barriga.*
- *Mas para de chorar!*
- *Ainda fala que eu não sirvo pra nada.*
- *Para de chorar!*
- *Eu não consigo.*
- *Olha só, eu vou dar um jeito!*
- *Que jeito? (CIDADE DOS HOMENS, 2007)*

Eles chegam à casa da avó de Acerola. Acerola chama a avó, e enquanto ela vem ao encontro deles, continuam o diálogo.

- *Mas eu já não arrumei um emprego?*
- *Mas Acerola...*
- *Olha só, eu não compro mais roupa pra mim. Olha só: eu paro de comer, eu só como cachorro quente com suco que é setenta e cinco centavos. Todo o dinheiro que eu ganhar só vai ser pra gente, tá bom, mas não chora.*
- *E as roupas do neném?*
- *Eu arrumo outro emprego.*
- *E a minha festa?*
- *Eu arrumo mais um emprego.*
- *E os brindes? Eu nem comprei os brindes!*
- *Eu arrumo mais um emprego, cara. (CIDADE DOS HOMENS, 2007)*

O episódio segue com Acerola e Laranjinha procurando emprego, em classificados no jornal. As cenas nesse momento apresentam com bom humor a realidade de precarização dos empregos destinados à juventude negra e periférica. Durante essa parte do episódio, ainda não se apresentam diferenças entre Acerola e Laranjinha no que diz respeito ao mundo do trabalho, ambos procuram trabalho por conta das necessidades materiais que se apresentam à juventude periférica brasileira. Podemos perceber reflexões sobre racismo e preconceito no mundo do trabalho.

Os personagens decidem então procurar emprego em uma agência de empregos, e descobrem que terão que tirar a Carteira de Trabalho. É durante a retirada do documento que se apresenta o drama de Laranjinha no episódio. Ao ser perguntado sobre nome dos pais para registro no documento, o personagem só sabe informar o nome da mãe. Como o adolescente não conhece seu pai, no lugar do nome do pai são colocadas reticências, o que o deixa extremamente abalado. Ao longo do episódio cenas que evidenciam o sofrimento que essa ausência gera no adolescente serão recorrentes. Frente a essa ausência, Laranjinha resolve colocar nos classificados do jornal um anúncio procurando por seu pai. Anúncio esse que não é respondido durante o episódio, o que gera ainda mais angústia no adolescente.

Acerola e Laranjinha conseguem emprego em uma lanchonete. Durante as cenas que representam o cotidiano de ambos no trabalho, começam a aparecer as diferenças entre a condição de Acerola - agora pai - e a de Laranjinha. Isso se evidencia quando Laranjinha, após não aguentar a humilhação de um cliente durante uma entrega na lanchonete, larga o emprego, deixando o amigo para trás com a seguinte frase: *“Tá vendo como é maravilhoso ser pai, Acerola!”*, se referindo ao fato de que Acerola não poderá deixar o emprego, apesar das humilhações e precarizações compartilhadas, por conta do exercício da paternidade.

Em determinado momento do episódio é apresentado um diálogo entre os dois personagens principais, em que Laranjinha se abre com o amigo em relação ao sofrimento que a ausência do pai lhe gera. Esse diálogo entre os amigos é muito interessante, e vai ao sentido contrário da ideia hegemônica do que seria o exercício da masculinidade em nossa sociedade. Isso porque Laranjinha se sente a vontade de expor ao colega sua fragilidade, seu sofrimento, e Acerola assume uma postura de cuidado em relação ao amigo, o acolhendo e aconselhando. Acerola chega, inclusive, a utilizar uma frase que sua avó diz para Cristiane no começo do episódio, numa tentativa de reproduzir uma postura de responsabilidade adulta (ROSAS; MAGALHÃES, 2010). A postura de Acerola se assemelha à postura esperada de um pai em relação ao seu filho, o que fica bastante evidente com sua proposta ao amigo no final do diálogo.

- Você ainda tá nessa cara? Você tá assim porque o cara ainda não te ligou né?
- Ninguém liga pra mim não, Acerola. Meu pai nem sabe que eu existo. Ninguém sabe que a gente existe, cara.

(Laranjinha começa a chorar)

— Você tá falando isso porque tem quinze anos, cara. Quando a gente tem quinze anos, acha que tudo é pra sempre. Mas não é assim não, cara. Não há bem que nunca termine, mas também não há mal que dure pra sempre. Essa porra vai passar mano. Fica assim não.

(Segue o silêncio e choro mais forte de Laranjinha)

— Tu tem que seguir tua parada cara. Tú tem que seguir o que tpu sabe fazer de melhor. Que que tu sabe fazer de melhor?

— Rap.

— Então, cara. Tu rima pra caramba rapá.

— Rimo nada, Acerola. Ainda nem achei uma rima pra mãe.

— Isso aí tu vai achar, mané. Porque tu é bom, cara. Tu não viu naquele dia do ônibus, até o motorista, até o cobrador tava dançando com a gente... Porque tu não entra nesse concurso que vai ter aí, de rap? Que vai rolar... Vai ser maneiro, mané, vai ter neguinho de vários lugares, até de São Paulo. Lembra que tu mandou bem pra caramba lá? Então, cada dia vai ser num morro diferente. Quem ganhar, grava um cd.

— Vai ser em vários morros?

Acerola acena com a cabeça.

— Posso até encontrar meu pai né? Minha mãe fala que ele conhece minha cara. Falavam que ele me conhece.

Acerola começa a fazer uma batida de beatbox com a boca. Laranjinha então começa a cantar:

— *Quero encontrar meu pai que ainda não me ligou. Será que ele o jornal comprou? Minha mãe diz que meu pai, é a minha cara. Fácil reconhecer, é a mesma marra. Não tenho esperança do meu pai rever. Por isso às vezes fico na maior deprê.*

— Deprê é o caramba muleque! Levanta isso aí. Meu irmão, vamô dá um rolê. Seu problema é ter um pai, cara? É? Logo, logo eu vou ser pai, CE ta ligado nisso. Então, fica assim não. É um pai que tu queres? Ta aqui o seu pai. Dá a benção! (Acerola dá a mão para Laranjinha beijar.) Que isso muleque! Mas não fica assim mais não, rapá, teu pai tá aqui. Mas agora eu vou ter mais uma boca pra alimentar né... (CIDADE DE DEUS, 2007)

O episódio segue com os dois personagens principais indo a um centro de compras populares na cidade do Rio de Janeiro, acompanhados de Cristiane e duas amigas. O dinheiro que Acerola ganhou no trabalho é utilizado pela sua namorada para comprar os “brindes” para sua festa de quinze anos. Em determinado momento, Cristiane passa mal em uma das lojas, ao que se segue um diálogo interessante entre todos os adolescentes. Eles conversam sobre a gravidez e a paternidade na adolescência, e sobre a relação deles com os próprios pais. A cena se coloca como um fórum que apresenta as diversas opiniões e os diversos lados sobre as questões centrais do episódio. “Todos, de acordo com a sua experiência,

detêm de uma opinião, de um discurso que os caracteriza como criaturas da realidade e como personagens.” (ROSAS; MAGALHÃES, 2010, p. 195)

- É bom ter marido né? - pergunta Laranjinha.
- É ruim, é bem melhor estar solteira, responde Cristiane.
- Não, que é isso, quando você tá casado, já tem ali garantido, não precisa correr atrás de ninguém.
- Ai, é ruim! Solteiro você pode ficar com quem você quiser. Bem melhor.
- Nem é, a única vantagem de ser solteiro, é que quando você tá solteiro os casados acham que você tá se dando bem, mas nem tá.
- Ah, eu queria tá solteira, livre, solta... principalmente dessa barriga aqui!

Acerola chega, preocupado com a namorada.

- E aí Cris, tá tudo certo? Tá tudo bem com o bebê?
- Liga não Cristiane, que o Acerola agora é um homem sério. Muitos compromissos, trabalhador, dedicado... - diz Laranjinha.
- É isso mesmo! Tá sendo maneiro ser pai, eu tô adorando. - responde Acerola.
- Deixa de ser caôzeiro Acerola. - retruca a amiga 1.
- Cê pensa que eu não to vendo você olhar com esse olho arregalado pra barriga dela? Cê tá se cagando de medo. - completa a amiga 2.
- É, até parece que tá gostando de ralar na lanchonete. Num vai pegar mais gatinha, não vai jogar mais futebol. Vai ficar, ó, em casa. Ou vai trabalhar. - completa a amiga 1.
- Se fosse tão bom ser pai, não ia ter um monte de pai abandonando filho aí não. - diz Laranjinha.
- Qual é Laranjinha, vai dizer que tu não vai querer ser pai? - pergunta Acerola.
- Pô, cara, eu queria ser filho. - responde Laranjinha.
- Ser filho pra quê? Nenhum pai gosta de nenhum filho de verdade não. - diz Cristiane.
- Ah, qual é Cristiane? Tu queria que seu pai fizesse o que? Te desse os parabéns vendo você grávida com quatorze anos? - pergunta a amiga 2.
- Melhor ter um pai que briga, do que um pai que não tá nem aí. - diz Laranjinha.
- E eu que não tenho nem pai nem mãe! Pai tudo bem, que ninguém tem. Mas mãe... Dizem por aí que minha mãe virou mendiga. Mas eu queria ela assim mesmo, bêbada, do jeito que ela é - comenta a amiga 2. (CIDADE DE DEUS, 2007)

Depois disso, seguem cenas referentes ao nascimento do filho de Acerola e Cristiane. A bolsa estoura e Cristiane é levada à maternidade pela avó de Acerola. O adolescente recebe uma ligação no trabalho, dizendo que seu filho nasceu. Ele pede

a liberação do trabalho para seu patrão e corre ao hospital. A chegada de Acerola ao hospital, e a primeira vez que pega seu filho no colo, representa uma das cenas mais fortes do episódio. A cena transcorre quase que toda em silêncio, com o foco no rosto de Acerola, com os olhos marejados, ao pegar o filho no colo pela primeira vez. A falta de verbalização dos sentimentos do personagem traz à cena uma poética específica, e deixa no ar a dúvida sobre que sentimento é esse de ver o próprio filho pela primeira vez. Medo? Felicidade? Angústia? Insegurança? Amor?

Como aponta Leandro Saraiva, em seu artigo sobre teledramaturgia para a juventude, um seriado

não se trata da história: é o ambiente e a questão. A questão é o crucial e depois vem a ambientação. E como começar? Pelos personagens, porque são eles que vivem os dramas que devem ser respondidos. A narrativa envolve as grandes demandas simbólicas, que não estão prontas, e por isso há que ter sensibilidade, pois a pesquisa nos subsidia, mas não é suficiente. (...) É preciso achar os fragmentos do gênero narrativo e arranjá-los para responder a problemas contemporâneos, que as pessoas estão vivendo. A insegurança do futuro do trabalho, no jovem é um tema destes. Pode ser tratado em ficção científica, por exemplo, porque isso é o recheio, é como se embala o drama. O que importa nesse recheio é que ele esteja estruturado narrativamente, para que a personagem viva o drama que se está tratando como importante. **Nunca para responder, mas para problematizar.** (SARAIVA 2011, p.82, grifo nosso).

Nesse sentido, acreditamos que essa cena é a mais importante para as discussões que pretendemos propor no grupo de adolescentes-pais. Pois, trata-se justamente do momento em que o personagem que é pai adolescente, e que até então se mostrou resoluto e seguro - como na cena em que consola Cristiane dizendo que conseguirá quantos empregos for preciso, ou na cena em vê Laranjinha abandonando o emprego e não faz o mesmo – mostra-se, pela primeira vez, frágil e inseguro.

É justamente aí que está o X da questão, na fragilidade, na insegurança, na quebra do padrão esperado. É aí que está o pontapé para as reflexões dos espectadores, nessa questão que não tem uma resposta, justamente porque não tem uma única resposta. A história de cada um dos adolescentes que é pai é que vai dar, ao longo do percurso de sua paternidade, a resposta para essa questão. A força da cena está justamente em dar ao público, especialmente aos pais adolescentes, a

possibilidade de lidar com a própria fragilidade, a partir do da experiência de fragilidade do personagem.

O episódio segue com a participação de Laranjinha no concurso de Rap que Acerola havia sugerido sua participação. O adolescente sai como campeão do concurso, e vários rappers famosos, ao ouvirem sua música e acharem de alta qualidade, reivindicam serem seus pais.

A última cena do episódio retrata a festa de 15 anos de Cristiane. Adolescente está esperando para dançar sua valsa na festa coletiva promovida na comunidade. Acerola, mais uma vez está preso no trabalho, mas consegue ser liberado a tempo de ir dançar a valsa com Cristiane. Porém, no momento em que está chegando a vez de Cristiane na fila da valsa, seu filho começa a chorar e ela tem que abandonar o salão para amamentar a criança. A cena segue com todos os adolescentes dançando a valsa, menos Cristiane e Acerola. Em determinado momento, durante a valsa, chega então Cristiane, carregando o bebê no colo, e o casal dança a valsa no meio do salão com o bebê entre eles.

Em seu artigo sobre as condições de produção do seriado, Schwertner analisa o final desse episódio, fazendo uma crítica ao que seria uma tentativa estética de tornar a realidade apresentada por esse tipo de programa mais confortável ao público que a assiste, levando em conta que esse programa foi ao ar em uma TV aberta/comercial. Segue a análise da cena pela autora.

A título de exemplificação, podemos citar o final do seriado Cidade dos homens do ano de 2004, que pode ser pensado a partir desse processo de 'estetização'. O último capítulo se encerra tal como um conto de fadas: o príncipe Acerola e sua princesa Cristiane dançam vestidos a caráter - pois é o baile de debutantes da menina na quadra da escola de samba da Mangueira - e se beijam apaixonadamente. A cena seria mesmo de romance, isso se não houvesse no meio dos dois um bebê sendo amamentado. Ou seja, há uma enorme diferença: os personagens são outros, o cenário é outro, a condição social é outra - o que poderia 'render' uma boa história, com suas particularidades e singularidades específicas. Entretanto, o final tem que ser sempre o mesmo, independente de todas as diferenças apresentadas e bem demarcadas durante os capítulos veiculados. O final precisa se adaptar a uma linguagem televisiva, tornar-se 'palatável' para a televisão, para o melodrama. (SCHWERTNER, 2007, p. 56).

A partir dessa análise do final do episódio e da força disparadora que enxergamos na cena de Acerola segurando seu filho pela primeira vez, decidimos

que a exibição do episódio no grupo de pais se encerrará na cena que ocorre no hospital.

Com a descrição das principais cenas do episódio, podemos perceber de forma mais contextualizada a reflexão feita sobre a forma de representar a juventude negra, periférica e pobre na série *Cidade dos Homens*. Não se trata de falar sobre os números de crianças e adolescentes que não tem o nome do pai no registro, mas sim de falar sobre que tipos de angústia isso gera nos adolescente. E mais, se trata de apresentar uma narrativa em que os personagens tentam dar diferentes vazões para esse sentimento de ausência. Não se trata de falar sobre precariedade dos empregos ofertados à juventude, se trata de acompanhar dois amigos na busca pelo primeiro emprego, dar risada junto com eles das vagas ridículas ofertadas a essa juventude. E por fim, não se trata de falar sobre as novas obrigações sociais que se apresentam para um adolescente que se torna pai, se trata justamente de apresentar o olhar marejado de um menino que pega seu filho no colo pela primeira vez.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas reflexões, pudemos concluir que o episódio em questão, de fato pode ser utilizado como material disparador de discussões a cerca de paternidade com adolescentes-pais. A utilização desse material contribuirá no sentido de fortalecer discussões que abranjam a complexidade e as contradições dessa experiência humana vivida na adolescência. Acreditamos que assim, será possível auxiliar os meninos no exercício de olhar para a própria experiência e para a experiência de seus pares, e conseguir a partir desse olhar construir uma imagem positiva desse novo papel social que assumem ao se descobrirem pais.

8 APÊNDICE - PROPOSTA DE GRUPO

Objetivo: Introduzir as discussões sobre paternidade com os adolescentes, buscando entender quais demandas e discussões surgem a partir de um espaço mais aberto para suas falas. Utilizaremos como recurso pedagógico disparador da discussão o episódio Pais e Filhos da série de televisão *Cidade dos Homens*.

1 Acolhida e apresentação da proposta da atividade.

- Explicar o porquê do grupo de pais, a importância desse espaço de fala destinado só aos meninos que são pais, a importância da participação de cada um para a troca de experiências.
- Apresentar o planejamento da atividade do dia.

2 Exibição do vídeo (Pais e Filhos - Cidade dos Homens).

Último episódio da 3ª temporada da série, exibido em 22 de outubro de 2004.

Roteiro: Regina Casé, Paulo Morelli, Newton Cannito e Leandro Saraiva.

Direção: Regina Casé. Direção Geral: Paulo Morelli.

Colaboração no roteiro: Eduardo Benaim, Jorge Furtado e Guel Arraes.

3. Discussão

A partir de uma pergunta disparadora, daremos início às discussões. A ideia é que os meninos tenham um espaço aberto de fala, e liberdade para conduzir as discussões. Preparamos algumas perguntas temáticas, relacionadas com questões apresentadas no episódio, que podem ajudar a preencher vazios ou despertar novos rumos à discussão, se assim avaliar-se necessário.

Pergunta disparadora: ***O que será que Acerola estava sentindo, ao pegar seu filho no colo pela primeira vez?***

Perguntas temáticas:

BLOCO TEMÁTICO	PERGUNTA	PARTE DO EPISÓDIO	OBJETIVO
FAMÍLIA	Como foi contar pros familiares sobre a gravidez?	Cristiane é expulsa de casa pelo pai e é acolhida pela avó De Acerola.	Entender como se desenvolveu a relação do adolescente com sua família a partir da notícia da paternidade.
QUESTÕES FINANCEIRAS	Depois de descobrirem que seriam pais vocês passaram a se preocupar mais com a questão financeira?	Retirada de carteira de trabalho pelos personagens Acerola e Laranjinha, procura de emprego, relação de empregos precarizados ofertados a juventude pobre e negra, emprego na lanchonete.	Discutir a centralidade do papel de provedor financeiro que é atribuído aos homens no exercício da paternidade.
O PRÓPRIO PAI	Laranjinha tem um pai ausente, e isso o faz sofrer bastante. Como foi a relação de vocês com seus pais? Vocês acham que isso faz diferença na forma como vocês serão pais?	Busca de Laranjinha por seu pai.	Entender a relação que os adolescentes criam entre sua experiência como filhos e sua experiência como pais.
AMIGOS	Qual a importância dos seus amigos nesse processo de ser pai?	Laranjinha e acerola trabalhando juntos, procurando emprego juntos, Laranjinha ajudando a cuidar da namorada grávida, cena de Acerola consolando o amigo e falando que poderia ser o pai de Laranjinha.	Entender a importância dos amigos, dos pares, no exercício da paternidade na adolescência.

NASCIMENTO	Como vocês se sentiram quando viram seus filhos pela primeira vez? Ou como vocês imaginam que vão se sentir?	Cena de Acerola na maternidade pegando o filho no colo.	Incentivar os meninos a pensar sobre seus sentimentos e compartilhar essas experiências sentimentais.
------------	--	---	---

9 REFERÊNCIAS

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso: 10 de outubro de 2018.

BRASIL. Diretrizes Nacionais para a educação escolar dos adolescentes e jovens em atendimento socioeducativo. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17620-texto-referencia-medidas-socioeducativas&Itemid=30192. Acesso em: 23 janeiro 2019

COUTINHO, Luciana Gageiro, & ROCHA, Ana Paula Rongel. (2007). Grupos de reflexão com adolescentes: elementos para uma escuta psicanalítica na escola. **Psicologia Clínica**, 19(2), 71-85.

FONSECA, Jorge Luiz Cardoso Lyra. **Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção**. 1997. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

KORNIS, Mônica Almeida. Aventuras urbanas em Cidade dos Homens: estratégias narrativas de inclusão social em seriados ficcionais. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 37, p. 119-141, jan. 2006. ISSN 2178-1494.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEVANDOWSKI, D.C.; PICCININI, C.A. Paternidade na adolescência: aspectos teóricos e empíricos. **Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.**, São Paulo, 14(1), 49-62, 2004.

THE MASK you live in. Diretor: Jennifer Siebel, Estados Unidos da América, Representation Project, 2015. DVD (97min)

PAULINO, Geanne Pereira Alves, PATIAS, Naiana Dapieve, DIAS, Ana Cristina Garcia Paternidade Adolescente: Um Estudo sobre Autopercepções do Fenômeno Teenage Fatherhood: A Study on Self-perception of the Phenomenon. **Psicologia em Pesquisa, UFJF**, 7(2), 230-241, 2013.

Pode Pá: Uma Abordagem na Aplicação de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto / Centro Assistencial Cruz de Malta. - 1. ed. - Cotia, SP: Atêlie Editorial, 2016.

QUIROGA, Fernando Lionel; VITALE, Maria Sylvia de Souza. O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico. **Physis [online]**. 2013, vol.23, n.3, pp.863-878.

ROSAS, Inara de Amorim; MAGALHÃES, Luiz Antonio Mousinho. Cidade dos Homens: perspectiva narrativa e relações de amizade. In: Revista Geminis, 2010, ano 1, n.1 - p. 177-197

SARAIVA, Leandro;Reinventar a TV. In: BORGNETH, Mário; PRIOLI, Gabriel. (Org.). FICTV/Mais Cultura: teldramaturgia para a Juventude C-D-E. 1edSão Paulo: **Cinemateca Brasileira**, 2011, v. 1, p. 80-83

SARAIVA, LEANDRO;Entrevista sobre série Cidade dos Homens [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: marcellasmille@gmail.com em 27 de dezembro de 2018.

SCHWERTNER, Suzana Feldens. Análise das condições de produção de Cidade dos homens: articulações entre Educação e Comunicação.**Educ. Pesqui.** [online]. 2007, vol.33, n.1

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educ. Pesqui.** [online]. 2006, vol.32, n.2, p.241-260.

VELOSO, Aline Matheus. “Apesar que o *Vida loka* também ama”: experiência afetiva de adolescentes inseridos no tráfico de drogas.2015. 177 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.